

**INTERNACIONALIZANDO-SE: OS DESAFIOS PARA OS INSTITUTOS
FEDERAIS DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO BRASIL**

***INTERNACIONALIZANDOSE: LOS DESAFIOS PARA LOS INSTITUTOS
FEDERALES DE EDUCACIÓN, CIENCIA Y TECNOLOGÍA DE BRASIL***

***GOING INTERNATIONAL: THE CHALLENGES FOR BRAZILIAN
FEDERAL INSTITUTES OF EDUCATION, SCIENCE AND TECHNOLOGY***

Gicele Vergine VIEIRA¹
Kyria Rebeca FINARDI²
Gabriela Freire Oliveira PICCIN³

RESUMO: O presente estudo baseia-se no pressuposto de que, no atual cenário de globalização, a visão do inglês como língua internacional e as iniciativas de internacionalização são essenciais para a construção de capital social e para promover a circulação da produção acadêmica. Com isso em mente, o objetivo deste estudo é duplo: oferecer uma meta-análise de uma série de estudos que investigaram a internacionalização do ensino superior brasileiro em universidades federais e, com base nessa meta-análise, elaborar considerações sobre os desafios enfrentados pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) para se internacionalizarem. Para isso, foi utilizada uma abordagem de meta-análise para avaliar e sintetizar os principais resultados dos cinco estudos incluídos na síntese. Além disso, um questionário semi-estruturado foi aplicado à representantes de dois IFs em uma tentativa de desvendar quais iniciativas de internacionalização foram implementadas nesse contexto. Os dados do questionário foram analisados qualitativamente e uma discussão dos dados foi fornecida levando em consideração a natureza dos programas e ações oferecidos por essas instituições para se internacionalizarem, bem como os desafios que enfrentaram nesta jornada.

PALAVRAS-CHAVE: Internacionalização. Educação Superior brasileira. Institutos Federais.

RESUMEN: *El presente estudio está basado en las suposiciones de que, en el ecenario globalizado actual, la visión del inglés como lengua internacional y las iniciativas de internacionalización, son esenciales para la construcción de capital social y para facilitar la circulación de la producción académica en todo el mundo. Con eso en mente, el objetivo de este estudio es doble: ofrecer una meta-análisis de estudios que investigaron la internacionalización de la enseñanza superior brasileña en universidades federales y con base en esa meta-análisis, elaborar consideraciones sobre los desafíos enfrentados por los Institutos Federales de Educación, Ciencia y Tecnología (IFs) para internacionalizarse. Para aquello, fue utilizado un abordaje de meta-análisis para*

¹ Instituto Federal Catarinense (IFC), Blumenau – SC – Brazil. E-mail: gicelevpreb@gmail.com.

² Universidade Federal do Espírito Santos (UFES), Vitória – ES – Brasil. E-mail: kyria.finardi@gmail.com.

³ Instituto Federal do Espírito Santo (IFES), Vitória – Brasil. E-mail: gfoliveira@ifes.edu.br.

evaluar y sintetizar los principales resultados de los cinco estudios incluidos en la síntesis. Sumado a lo anterior, un cuestionario semiestructurado fue aplicado al equipo de la administración de dos de los IFs en un intento de develar cuáles fueron las iniciativas de internacionalización implementadas en ese contexto. Los datos del cuestionario fueron analizados cualitativamente y una discusión de los datos fue disponibilizada tomando en consideración la naturaleza de los programas y acciones ofrecidas por esas instituciones para internacionalizarse, como también, los desafíos que enfrentan en esta jornada.

PALABRAS CLAVE: *Internationalización. Enseñanza superior brasileña. Institutos federales.*

ABSTRACT: *The present study assumes that, in a globalized world, the view of English as an international language and internationalization initiatives are essential to foster social capital and the circulation of academic production worldwide. The aim of this study is twofold: to offer a meta-summary analysis of some studies which investigated the internalization of Brazilian higher education carried out mostly in federal universities, and, based on this analysis, to draw considerations regarding the challenges faced by the Brazilian Federal Institutes of Education, Science and Technology (IFs) to go international. In order to do so, a meta-summary approach was used to appraise and synthesize the main findings of the five studies included in the synthesis. In addition, a semi-structured questionnaire was administered to two IFs representatives as an attempt to unveil which internationalization initiatives have been put into practice. Data of the questionnaire was analyzed qualitatively and a discussion is provided taking into account the nature of the programs and actions offered by these institutions to go international as well as the challenges they have faced so far.*

KEYWORDS: *Internationalization. Brazilian Higher Education. Federal Institutes.*

Introdução

Hudzik (2011) define internacionalização como um compromisso, confirmado por meio de ações, para incluir uma perspectiva internacional e comparativa nas atividades de ensino, pesquisa e extensão do ensino superior. Knight (2005) propõe a visão de internacionalização como se relacionando aos objetivos, benefícios, valores, consequências e implicações desse processo, tais como, se ele é sustentável, como as instituições respondem aos interesses concorrentes, quais são as implicações políticas e financeiras da ênfase crescente na internacionalização nos níveis nacional e institucional, como as organizações governamentais e não-governamentais estão resolvendo as dificuldades para seguir com a internacionalização e se o processo de internacionalização é uma resposta ou agente da globalização. Concordando com Knight (2005), pensamos

que a reflexão sobre as questões supramencionadas pode fomentar uma internacionalização crítica e sustentável que beneficie a mais agentes.

O processo de internacionalização é muito complexo para o ensino superior brasileiro em geral e está se tornando um desafio maior para os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (Ifs), por sua singularidade. Do mesmo modo que outras instituições de ensino superior, os Ifs também oferecem atividades de ensino, pesquisa e extensão. No entanto, os Ifs oferecem educação em vários níveis, que vão da educação básica aos cursos de pós-graduação, focando principalmente em currículos profissionais e técnicos.

Os Ifs brasileiros formam uma rede pública de 644 campi que oferecem muitos cursos em diferentes níveis e em diversas áreas do conhecimento, em formatos de aprendizagem presencial e a distância. Tais níveis incluem educação vocacional e tecnológica integrada no ensino secundário, licenciatura e bacharelado, e alguns programas de pós-graduação. Os Ifs fazem parte da Rede Federal de Instituições de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (VSTEI), que estão socialmente comprometidas em oferecer, gratuitamente, educação profissional pública para jovens e trabalhadores das áreas metropolitanas e do campo.

Altbach e Knight (2007) afirmam que a globalização inclui aspectos que são relevantes para a internacionalização, tais como a integração da pesquisa, o uso do inglês como língua franca (Jenkins, 2013) e como língua de publicações (Hamel, 2013) e o uso de tecnologias para comunicação. Segundo esses autores, embora a globalização não possa ser alterada, a internacionalização pode, apesar do fato de que o Norte global parece ter mais poder nas escolhas relacionadas a essa mudança, acumulando mais benefícios do que o Sul global, como consequência da internacionalização (VAVRUS; PEKOL, 2015).

Em uma visão simples e ingênua desses dois processos, podemos ver a globalização como um processo de apagar as fronteiras entre as nações, enquanto a internacionalização pode ser vista como um processo de fortalecimento dos vínculos entre instituições de ensino superior e pesquisa em diferentes países. No entanto, de acordo com alguns autores (ANDREOTTI; PEREIRA; EDMUNDO; ARAÚJO, 2016; HAMEL, 2013; MENEZES DE SOUZA, 2015; SANTOS, 2011; VAVRUS; PEKOL, 2015), essa imagem “bonita” da globalização/internacionalização também pode ser uma maneira de resolver os problemas relacionados à falta de financiamento para o ensino superior no Norte, enquanto a maioria das instituições do Sul estão pagando o preço sem se beneficiar desses dois processos.

Outros autores (ALTBACH; KNIGHT, 2007; SANTOS, 2011) observam como o ensino superior internacional tornou-se uma mercadoria, um bem privado para ser distribuído gratuitamente pelo mercado mundial, em vez de uma responsabilidade do estado. Altbach e Knight (2007) observam que a mobilidade acadêmica é influenciada e impactada por essa ênfase atual no livre comércio. Além da aparente confusão conceitual entre a noção de globalização/internacionalização, esta última pode ter diferentes significados no cenário complexo em que vivemos. Knight (2004) explica que a internacionalização tem sido muitas vezes associada a diferentes aspectos, tais como mobilidade acadêmica, parcerias, programas acadêmicos internacionais e iniciativas de pesquisa e comércio internacional de educação, para citar alguns. Em relação à mobilidade acadêmica, se analisarmos o fluxo de estudantes internacionais, podemos corroborar a reivindicação dos autores acima mencionados que vêm a internacionalização como beneficiando mais o Norte do que o Sul. Lima e Maranhão (2009) descrevem o processo de enviar estudantes como “internacionalização passiva”, enquanto a maioria das instituições do Norte tem uma “internacionalização ativa”, atraindo a maioria desses estudantes internacionais (e fundos).

Em relação à situação das instituições brasileiras, a maioria das quais se caracteriza por ser “passiva” (LIMA; MARANHÃO, 2009) e no Sul global, Rajagopalan (2015) alega que essas instituições estão gradualmente subindo no ranking internacional, não pela qualidade de suas pesquisas, mas por causa de sua invisibilidade. Apesar das críticas sobre o uso de rankings internacionais para medir o status das instituições no Sul (KAWACHI; AMORIM; FINARDI, 2017), ou o idioma em que a maioria das pesquisas é publicada no Brasil (FINARDI; FRANÇA, 2016), é claro que a invisibilidade da pesquisa brasileira (GARCEZ, 2017) afeta sua atratividade e possibilidade de se envolver mais ativamente no processo de internacionalização.

A fim de tecer algumas considerações sobre o panorama da internacionalização do ensino superior brasileiro, bem como sobre os desafios dos IFs para se internacionalizar, oferecemos um olhar sobre as iniciativas de internacionalização de ambos, uma Universidade Federal e dois Institutos Federais – o Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) e o Instituto Federal Catarinense (IFC). A próxima seção apresenta os procedimentos para a coleta e análise de dados.

Método

O objetivo deste estudo é duplo: socializar os principais resultados de alguns estudos que investigaram a internacionalização do ensino superior brasileiro realizados principalmente em um contexto universitário federal e verificar os desafios enfrentados pelos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (IFs) para se internacionalizarem.

Para tanto, este estudo utilizou uma abordagem de meta-análise como estratégia interpretativa para avaliar e sintetizar os principais resultados de cinco estudos, comparando-os em seis domínios principais, a saber: objetivos dos estudos, instrumentos de coleta de dados, composição da amostra, referencial teórico, principais conclusões/implicações dos estudos.

A decisão sobre os estudos a serem revisados levou em consideração a pesquisa realizada pelo grupo de pesquisa intitulado INTEC (Internacionalização, Inglês e Tecnologia), que visa compreender a interface entre internacionalização, inglês e tecnologia. Das publicações do grupo, apenas os artigos que trataram mais especificamente da análise da internacionalização e do inglês foram selecionados.

Em relação aos desafios para a internacionalização enfrentados pelos IFs, foram realizados dois tipos de coleta de dados. Primeiro, uma pesquisa documental nas páginas eletrônicas de ambos os IFs foi realizada para investigar a existência de secretarias de relações internacionais (SRI) e seu escopo de atuação, bem como analisar documentos oficiais específicos sobre internacionalização. Em segundo lugar, um questionário semi-estruturado foi administrado ao pessoal da SRI de dois IFs como uma tentativa de desvendar quais iniciativas de internacionalização foram implementadas. Os dados das páginas da SRI e o questionário foram analisados qualitativamente e uma discussão subsequente é fornecida, tendo em conta a natureza dos programas e ações oferecidos por essas instituições para se internacionalizarem, bem como os desafios que enfrentaram até agora. As próximas três seções apresentam os resultados da análise realizada no presente estudo.

Internacionalização: o caso das universidades federais no Brasil

Em uma série de estudos sobre a internacionalização da educação superior brasileira (AMORIM; FINARDI, 2017; FINARDI; FRANÇA, 2016; FINARDI; GUIMARÃES, 2017; FINARDI; LEÃO; PINHEIRO, 2016; FINARDI; ORTIZ, 2015; FINARDI; PORCINO, 2014, 2015; FINARDI; PREBIANCA, 2014; FINARDI;

SANTOS; GUIMARÃES, 2016; KAWACHI ET AL, 2017; TAQUINI; FINARDI; AMORIM, 2017) realizada por uma ou mais autoras deste estudo, sendo a maioria conduzida em uma universidade federal no Brasil, concluiu que as línguas estrangeiras, em geral, e o inglês, em especial, tiveram um papel crucial no processo de internacionalização.

No que diz respeito ao papel do inglês no Brasil e na internacionalização das instituições brasileiras, Finardi (2014, 2016a, b, c, 2017) alega que é necessário haver um alinhamento entre língua, educação e políticas de internacionalização para que se promovam o multilinguismo e a visibilidade da produção acadêmica do Brasil, bem como a atratividade de suas instituições para que essas, por sua vez, se tornem mais ativas no sentido proposto por Lima e Maranhão (2009).

A fim de demonstrar a relação entre as línguas e a internacionalização do ensino superior no Brasil, foi realizada uma meta-análise para avaliar criticamente as principais descobertas de cinco estudos realizados em uma universidade federal da região sudeste do Brasil (AMORIM; FINARDI, 2017; FINARDI; FRANÇA, 2016; FINARDI; GUIMARÃES, 2017; FINARDI; ORTIZ, 2015; FINARDI et al, 2016). Os estudos aqui examinados tinham como objetivo analisar a internacionalização e o papel do inglês nesse processo. Os resultados da meta-análise estão dispostos no Quadro 1.

Quadro 1: Resumo dos estudos realizados sobre a internacionalização em uma Universidade Federal

Estudo	Objetivos	Instrumentos de coleta de dados	Composição da amostra	Base teórica	Conclusões
Amorim e Finardi (2017)	Analisa a internacionalização em três níveis: micro (percepção da comunidade acadêmica), meso (ações institucionais) e macro (programas e políticas nacionais)	Questionários e entrevistas	1649 participantes	Knight (2004); Varghese (2013)	Nível micro: comunidade não comprometida Nível meso: instituição motivada mas ainda não internacionalizada Nível macro: falta de convergência entre as políticas linguísticas, educacionais e de internacionalização
Finardi e França (2016)	Analisa a produção acadêmica em inglês na área de Linguística	Contagem de publicações em inglês e em português e a correlação com suas citações	Seis revistas publicadas entre os anos de 2008 e 2014	Warschauer (2003); Varghese (2013)	Baixo impacto (citações) da produção brasileira em função do idioma de publicação

Finardi e Ortiz (2015)	Análise e comparação da internacionalização em duas instituições, uma pública e uma privada	Análise de sites, currículos e entrevistas	Dois cursos de Administração de empresas no Brasil	Warschauer (2003)	A instituição pública está mais motivada a se internacionalizar do que a privada porque o mercado interno é confortável para as instituições privadas que representam 75% de todas as instituições no Brasil
Finardi e Guimarães (2017)	Análise da internacionalização e os cursos de pós-graduação	Análise de sites e de políticas e programas de internacionalização	Cursos de pós-graduação na área de Linguística	De Wit (2016)	Há muitos desafios para a internacionalização no Brasil, sendo a maioria deles vinculada a barreiras linguísticas
Finardi, Santos e Guimarães (2016)	Descrição e análise da criação de um setor de idiomas no Escritório de Relações Internacionais de uma universidade federal	Análise do site e de documentos da Secretaria de Relações Internacionais	Setor de idiomas do Escritório de Relações Internacionais	Hamel (2013); Vavrus e Pekol (2015); Finardi e França (2016); Finardi e Ortiz (2015)	Há muitos desafios para a internacionalização, a maioria relacionada a barreiras linguísticas

Fonte: Autoria própria

Em linhas gerais, podemos resumir os resultados dos estudos analisados no Quadro 1 da seguinte forma: as universidades públicas brasileiras almejam se internacionalizar, embora ainda não estejam completamente engajadas em práticas de internacionalização, principalmente por causa de barreiras linguísticas, sejam elas no envio de seus acadêmicos para o exterior (mobilidade de tipo “OUT”), no acolhimento de estrangeiros (mobilidade de tipo “IN”) ou na inclusão de aspectos internacionais em seus currículos (internacionalização doméstica). Para verificar como essas descobertas podem se relacionar com o contexto dos Institutos Federais no Brasil, foi realizado um estudo de caso que está descrito nas seções a seguir.

Internacionalização: o caso do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES)

O Instituto Federal do Espírito Santo (IFES) é composto por 22 campi que compartilham objetivos e metas em comum, esboçados no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) do IFES. A internacionalização dos programas de pós-graduação é um dos 34 projetos estratégicos do PDI para os anos de 2014 a 2019. De acordo com esse

documento, o IFES deverá implementar políticas com enfoque em ações educacionais de ensino, pesquisa e extensão relacionadas a algumas dimensões, incluindo a dimensão da internacionalização. Essa última é definida pelo PDI do IFES como “desenvolvimento e implantação de programas que possibilitem o fortalecimento da internacionalização do IFES com redes acadêmicas, ampliando as oportunidades de mobilidade acadêmica, divulgação, e produção científica e tecnológica” (IFES, PDI, 2014-2019, p. 68). Entretanto, o mesmo documento parece entender a internacionalização apenas como ações de extensão: há apenas um programa de extensão objetivando a internacionalização sendo desenvolvido pelo Campus Serra. Esse campus planeja⁴ ações de internacionalização para o período de 2014 a 2019, quando se estima que os investimentos na área sejam dobrados.

A fim de se internacionalizar, o IFES criou uma secretaria de relações internacionais (Arinter) para desenvolver, orientar e promover suas políticas internacionais. A Arinter já estabeleceu cooperação internacional com universidades e instituições da Itália, França, de Portugal, da Irlanda, dos Países Baixos, da Alemanha e do Canadá⁵. De acordo com a coordenadora da Arinter⁶, a referida secretaria conta com o apoio tanto da direção da instituição como de agências de divulgação linguístico-cultural, embaixadas e consulados de vários países. A coordenadora também considera necessário contextualizar a internacionalização do IFES como um processo transversal com uma política clara e objetiva, bem como um método de avaliação para mapear ações de internacionalização. Com base nos dados disponibilizados na página eletrônica da Arinter⁷, observou-se que programas como o Ciência Sem Fronteiras (CsF) e o Idiomas Sem Fronteiras (IsF) desempenharam um papel crucial no desenvolvimento da internacionalização do IFES. Em outras palavras, as principais ações realizadas foram relacionadas à mobilidade acadêmica (tipo “OUT”) facilitada por esses programas governamentais brasileiros. Ainda que essas ações possam fomentar o desenvolvimento de políticas linguísticas para a superação de barreiras linguísticas, programas como o CsF exigem testes de proficiência, que se concentram apenas no tipo de mobilidade “OUT” e, assim, em uma “internacionalização passiva” (LIMA; MARANHÃO, 2009).

⁴Fonte:

<http://nera.sr.ifes.edu.br/images/stories/Menu_Campus_Serra/Documentos_Institucionais/PDI/Apresentacao_PDI_2014-2019_ifes_Campus_Serra_rev01-.pdf>.

⁵ A lista de memorandos de entendimento para o estabelecimento de cooperação entre o IFES e as universidades e instituições internacionais encontra-se disponível em <<http://www3.ifes.edu.br/institucional/4843-arinter?start=3>>.

⁶ Fonte: <<https://www.youtube.com/watch?v=I7yOO0l-NdU>>.

⁷ Fonte: <<http://www3.ifes.edu.br/institucional/4843-arinter?showall=1>>.

Para propor algumas considerações quanto aos desafios do IFES para se internacionalizar, um membro da equipe da Arinter do IFES, que trabalha diretamente com os projetos de internacionalização do IFES, aqui denominado como Informante 1 (I1), respondeu a um questionário semiestruturado que tinha como objetivo investigar os desafios mais significativos para os IFs, em geral, e para o IFES, em particular, se internacionalizarem. O I1 apontou que a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica não tem quaisquer políticas de internacionalização, tais como estratégias ou objetivos de mobilidade acadêmica, ensino de línguas ou cooperação acadêmica. Além disso, o I1 observou que o Conselho Nacional das Instituições da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica (CONIF) ainda não possui um plano estratégico para se internacionalizar. Também há pouca compreensão geral sobre a necessidade de investimentos em políticas voltadas para as línguas estrangeiras.

Ao tratar do caso do IFES, o I1 explicou que o IFES não possui um documento de política de internacionalização que, de forma clara e objetiva, estabeleça os objetivos estratégicos para a mobilidade acadêmica, a aprendizagem e o ensino de línguas, bem como a cooperação acadêmica. Outro problema tem a ver com a falta de capital humano no IFES: atualmente, a equipe da Arinter é composta por apenas um coordenador e um estagiário. De modo semelhante, como apontado pelo I1, a comunidade IFES (funcionários e estudantes) tem baixa proficiência em línguas estrangeiras, o que representa um desafio para a internacionalização.

Internacionalização: o caso do Instituto Federal Catarinense (IFC)

O Instituto Federal Catarinense (IFC) foi criado em 2008 e é composto de 16 *campi* localizados no estado de Santa Catarina, no Sul do Brasil. A fim de implementar políticas de internacionalização, a instituição criou em 2013 a Secretaria de Relações Internacionais, sob a coordenação da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), com o objetivo de fomentar a consolidação de acordos de cooperação com universidades estrangeiras, bem como prestar suporte a servidores e estudantes para participarem de programas internacionais. A preocupação do IFC em tornar-se internacional está evidente também em seu Plano Estratégico (2013-2017), mais especificamente na meta 34 (no total de 38 metas), a qual enfatiza a intenção da instituição em estabelecer programas e parceria nacionais e internacionais.

Com base nisso, uma busca na página eletrônica da Secretaria de Relações Internacionais do IFC em setembro de 2016 revelou que, desde 2013, algumas ações foram implementadas como uma tentativa de fomentar a internacionalização da instituição, tais como: capacitação em Língua Inglesa para servidores do IFC na Faculdade Alamo e o programa de intercâmbio para estudantes do IFC na Universidade do estado de Ohio, ambas nos Estados Unidos. Apesar de haver, nesta mesma página eletrônica, menção ao curso online de Inglês – *My English Online*, mantido pelo governo federal brasileiro como parte do programa Inglês sem Fronteiras (atualmente denominado Idiomas sem Fronteiras) do Ministério da Educação, nenhuma informação adicional sobre ações específicas em relação a tal programa foi encontrada. No entanto, especula-se que o IFC esteja envolvido na administração de testes internacionais de proficiência em língua inglesa (com TOEFL e TOEIC Bridge), uma das principais ações ligadas ao Inglês sem Fronteiras.

A fim de melhor compreender o escopo de cada programa com vistas à internacionalização implementado pelo IFC, algumas de suas características foram analisadas, tais como o objetivo de cada programa ou ação, número de vezes que foi implementado e quando, critérios de seleção dos participantes, número de candidatos inscritos e número de candidatos selecionados em cada versão dos programas.

Em relação à capacitação em Língua Inglesa para servidores nas Faculdades Álamo, a análise documental revelou que o Edital de seleção foi publicado uma única vez em 2014 (Edital 462/2014⁸) e tinha como objetivo selecionar quatro professores para passar quatro semanas nas Faculdades Álamo, em Santo Antônio, Texas. De acordo com a informação em sua página eletrônica na internet, a faculdade oferece “curso intensivo de inglês como segunda língua para falantes não nativos. Cada curso é desenhado para equipar os estudantes com as habilidades necessárias para o sucesso acadêmico e a interação social”.⁹ O critério de seleção para este programa incluía um teste online em Inglês. Um total de onze professores se inscreveram e nove foram classificados. Destes nove, assume-se que os primeiros quatro foram selecionados para a capacitação no exterior.

Outra ação para promover a internacionalização do IFC refere-se ao programa de intercâmbio oferecido pela Universidade do estado de Ohio, conhecido como TOP. Uma

⁸ Todos os Editais, lista de candidatos e outros documentos relacionados aos programas de intercâmbio implementados pelo IFC não foram disponibilizados neste artigo devido a limitação de espaço.

⁹ Fonte: <<http://www.alamo.edu/main.aspx?id=5945>. Tradução livre dos autores>.

breve busca na página eletrônica do programa mostrou que este é um programa de intercâmbio internacional especializado em horticultura e agricultura.

Os dados obtidos na página eletrônica da Secretaria de Relações Internacionais do IFC nos mostram que o TOP foi implementado três vezes entre 2013 e 2015. Apesar disso, o acesso aos documentos oficiais como o Edital e a lista de inscritos e selecionados referentes ao ano de 2013 não estava disponível no momento da coleta de dados.

O Edital para a versão 2014 do TOP (Edital 460/2014) não especificava o número de inscritos para o programa, provavelmente devido à natureza do programa, o qual aceita inscrições durante todo o ano e oferece estágio profissional remunerado. Para se candidatarem, os estudantes do IFC deveriam preencher os requerimentos do Edital, entre eles, apresentar um nível intermediário de proficiência em Inglês e disposição para viver e se adaptar à diversidade social e cultural local. Adicionalmente, os candidatos precisavam apresentar um formulário e um currículo, ambos em Inglês, uma versão em Português Brasileiro do histórico escolar e duas cartas de recomendação em Inglês, sendo uma delas escrita por um professor do IFC.

O processo de seleção incluía a verificação de preenchimentos dos requisitos iniciais especificados pelo Edital, a análise dos documentos fornecidos e uma entrevista com um profissional da Universidade de Ohio realizada por meio de um aplicativo para comunicação online (Skype). Para a versão 2014 do TOP, quatro estudantes foram selecionados.

Assim como o Edital de 2014, o Edital para a versão 2015 do TOP (Edital 70/2015) também não especificava o número de inscritos, provavelmente devido à natureza do programa, conforme previamente explicado neste artigo. Os critérios para a inscrição e seleção eram os mesmos do Edital 460/2014. Um total de quatro estudantes foram selecionados para a terceira versão do programa implementado pelo IFC.

Com base nos dados coletados na página eletrônica da Secretaria de Relações Internacionais do IFC, parece plausível sugerir que ações para promoção da internacionalização no contexto institucional ainda são incipientes e não têm contribuído significativamente para colocar o IFC em destaque no cenário globalizado da educação e da pesquisa. Também vale mencionar que, das 38 metas do Planejamento Estratégico para o período de 2013-2017, apenas uma, aparentemente de escopo restrito e superficial, refere-se ao desejo da instituição de tornar-se internacional.

Reiterando, a meta 34 do Planejamento Estratégico do IFC afirma que a instituição deseja implementar programas de intercâmbio e cooperação nacionais e internacionais.

Em nossa visão, este objetivo é muito vago e generalista para promover o desenvolvimento de todos os aspectos ligados à internacionalização da Educação. Como enfatizamos na parte introdutória deste artigo, a internacionalização não pode ser entendida como a simples parceria entre duas instituições internacionais. Assim com a mobilidade internacional é uma parte importante da internacionalização, mas não é a única, não podemos afirmar que acordos internacionais correspondem aos objetivos de internacionalização em si só e por eles mesmos.

A análise de dados apresentada até aqui revelou que, apesar dos demais critérios de seleção, o domínio do inglês como língua internacional mostrou-se uma habilidade essencial para aqueles que pretendem se inscrever para participar em programas de intercâmbio, um resultado que parece corroborar a meta-análise reportada neste artigo em relação à internacionalização das universidades federais brasileiras.

Com o objetivo de desvendar as razões pelas quais o IFC não tem sido capaz de implementar ações mais consistentes para tornar-se internacional, um questionário semiestruturado foi administrado a um servidor do IFC, aqui denominado Informante 2 (I2), responsável por planejar e supervisionar ações ligadas à internacionalização em âmbito institucional. A principal pergunta do questionário referia-se aos desafios encontrados pelos Institutos Federais em geral, e pelo IFC, em particular, para se tornarem internacionais. De acordo com o I2, o maior desafio no processo de internacionalização da Educação no contexto dos Institutos Federais no momento diz respeito à falta de proficiência em Inglês dos estudantes e servidores, o que demanda investimento financeiro e de tempo para superar a barreira linguística. Um exemplo mencionado pelo I2 como forma de quebrar a barreira linguística foi o caso da Universidade de Ciência Aplicada na Finlândia, a qual convidou estudantes estrangeiros para estudar e trabalhar com estudantes locais, motivando os alunos brasileiros a aprender inglês e se comunicarem naquele contexto.

Outro problema trazido à tona pelo I2 refere-se a falta de bolsas e suporte financeiro para a participação em programas de intercâmbio, ambos para enviar alunos e professores para o exterior (mobilidade tipo OUT) quanto para receber estudantes e professores/pesquisadores estrangeiros (mobilidade tipo IN). Uma possibilidade de começar a superar este problema, especialmente em tempos de baixos investimentos por parte do Estado, seria procurar por programas de intercâmbio/cooperação internacional que não dependem de recursos financeiros brasileiros. Para o I2, o programa TOP (brevemente descrito neste artigo), oferecido pela Universidade de Ohio, é um exemplo

deste tipo de programa. Particularmente neste caso, os estudantes precisam arcar com os custos iniciais da viagem, como o pagamento das passagens aéreas, do visto e do seguro de saúde. No entanto, por ser um programa de estágio remunerado, os alunos recebem uma remuneração durante o período do estágio, o que faz do TOP um programa autossustentável.

Em suma, os dados reportados sugerem dois problemas principais afetando negativamente o processo de internacionalização dos Institutos Federais, em geral, e do IFC, em particular – um diz respeito ao domínio de línguas estrangeiras, particularmente o Inglês, e outro que parece refletir os históricos altos e baixos da educação brasileira no que tange a certas ideologias e, conseqüentemente, políticas educacionais e um significativo suporte financeiro. Juntos, os resultados da meta-análise e dos dados coletados com os IFs investigados mostram que os desafios para a internacionalização da educação em ambos os contextos estão, em sua maioria, relacionados à falta de proficiência em línguas estrangeiras, especialmente o Inglês, e à dependência de ações governamentais tais como os programas Ciências sem Fronteiras e Idiomas sem Fronteiras, os quais promovem principalmente um tipo passivo de internacionalização.

Considerações finais

O principal objetivo deste estudo foi oferecer uma meta-análise de cinco estudos realizados em universidades federais no Brasil, de modo a traçar algumas considerações sobre a internacionalização dos institutos federais no país. Com esse objetivo, um questionário semiestruturado foi aplicado a dois representantes de dois IFs brasileiros como uma tentativa de descobrir quais iniciativas de internacionalização foram implementadas nesses dois contextos.

Os resultados gerais da meta-análise sugerem que as línguas estrangeiras, em geral, e o inglês, em particular, desempenham um papel crucial na internacionalização das universidades federais no Brasil. A análise qualitativa dos dados dos institutos federais sugere que o cenário naquele contexto não é muito diferente e que o inglês também tem um papel importante na superação de desafios para que os institutos federais se internacionalizem. Além disso, os dados dos dois institutos federais analisados sugerem que a internacionalização naquele contexto ainda é passiva (LIMA; MARANHÃO, 2009), dependente de programas nacionais tais como o CsF e o IsF e predominantemente focados na mobilidade acadêmica de tipo “OUT”.

O problema torna-se especialmente complicado num contexto de crise política e financeira que afeta a educação, setor considerado estratégico para a internacionalização (Knight, 2004). O caso do Campus Serra/IFES demonstra isso. Embora tenha sido o único campus do IFES a planejar ações de internacionalização, o Campus Serra pretendia dobrar, até 2019, seus investimentos em atividades relacionadas à internacionalização. Contudo, esse plano certamente enfrentará dificuldades devido aos recentes cortes de verba para o setor. Com o intuito de superar as barreiras financeiras e linguísticas, e como sugerido por um dos informantes deste estudo, programas sustentáveis, tais como o descrito no IFC, podem representar uma possibilidade relevante para as agendas de internacionalização, especialmente em tempos de escassez de financiamento para a educação internacional.

REFERÊNCIAS

Referências marcadas com um asterisco indicam estudos inclusos na meta-análise.

ALTBACH, P. G.; KNIGHT, J. The internationalization of higher education: Motivations and realities. **Journal of studies in international education**, v. 11, n. 3-4, p. 290-305, 2007. DOI: 10.1177/1028315307303542.

*AMORIM, G. B.; FINARDI, K. R. Globalização e internacionalização do ensino superior: evidências de um estudo de caso nos níveis micro, meso e macro. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 22, p. 614-632, 2017.

ANDREOTTI, V. O.; PEREIRA, R. S.; EDMUNDO, E. S. G.; ARAÚJO, F. Internacionalização da educação brasileira: possibilidades, paradoxos e desafios. In: LUNA, J. M. F. (Org.). **Internacionalização do currículo: educação, interculturalidade, cidadania global**. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 129 – 154.

DE WIT, H. Criterios para el diseño y evaluación de políticas de internacionalización. **Seminario Internacional sobre Impacto de la Internacionalización sobre la Calidad de la Educación Superior**, Unicamp, Campinas, Brazil, 2016.

FINARDI, K. R. The slaughter of Kachru's five sacred cows in Brazil: affordances of the use of English as an international language. **Studies in English Language Teaching**, v. 2, p. 401-411, 2014.

FINARDI, K. R. **English in Brazil: views, policies and programs**. Londrina: EDUEL, 2016a.

FINARDI, K. R. Globalization and English in Brazil. In: FINARDI, K. R. (Ed.). **English in Brazil: views, policies and programs**. Londrina: EDUEL, 2016b. p. 15-36.

FINARDI, K. R. Language Policies and Internationalization in Brazil: the role(s) of English as an additional language. In: SCIRIHA, L. (Ed.). **International Perspectives on Bilingualism**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, v. 1, 79p. -90, 2016c.

FINARDI, K. R. What Brazil can learn from multilingual Switzerland and its use of English as a multilingua franca. **Acta Scientiarum** (UEM), v. 39, p. 219-228, 2017.

*FINARDI, K. R.; FRANCA, C. O inglês na internacionalização da produção científica brasileira: evidências da subárea de linguagem e linguística. **Intersecções**, Jundiaí, v. 19, p. 234-250, 2016.

*FINARDI, K. R.; GUIMARÃES, F. F. Internacionalização, rankings e publicações em inglês: a situação do Brasil na atualidade. **Estudos em Avaliação Educacional** (Online), v. 28, p. 600-626, 2017.

FINARDI, K. R.; LEÃO, R. G.; PINHEIRO, L. M. S. English in Brazil: insights from the analysis of language policies, internationalization programs and the CLIL approach. **Education and Linguistics Research**, v. 2, p. 54-68, 2016.

*FINARDI, K. R.; ORTIZ, R. A. Globalization, internationalization and education: what is the connection? **IJAEDU- International E-Journal of Advances in Education**, v. 1, 18-25, 2015.

FINARDI, K. R.; PORCINO, M. C. Tecnologia e metodologia no ensino de inglês: impactos da globalização e da internacionalização. **Ilha do Desterro**, v. 66, p. 39-284, 2014.

FINARDI, K. R.; PORCINO, M. C. O Papel do inglês na formação e na internacionalização da educação no Brasil. **Revista Horizontes de Linguística Aplicada**, v. 14, 109-134, 2015.

FINARDI, K. R.; PREBIANCA, G. V. V. Políticas linguísticas, internacionalização, novas tecnologias e formação docente: um estudo de caso sobre o curso de Letras Inglês em uma universidade federal. **Leitura** (UFAL), v. 1, p. 29-154, 2014.

*FINARDI, K. R.; SANTOS, J. M.; GUIMARAES, F. F. A Relação entre línguas estrangeiras e o processo de internacionalização: evidências da coordenação de letramento internacional de uma universidade federal. **Interfaces**, v. 16, 233-255, 2016.

GARCEZ, P. M. The (in)visibility of Brazilian Applied Linguistics research: what's "publish or perish" for applied linguists in Brazil? Paper presented at Innovations and challenges in research cultures in Applied Linguistics in South America, Invited Symposium, **AILA 2017**, Rio de Janeiro, 2017.

HAMEL, R. E. L'anglais, langue unique pour les sciences? Le rôle des modèles plurilingues dans la recherche, la communication scientifique et l'enseignement supérieur. **Synergies Europe**, v. 8, p. 53-66, 2013.

HUDZIK, J. K. **Comprehensive internationalization: from concept to action**. Washington: NAFSA, 2011.

JENKINS, J. **English as a lingua franca in the international university: the politics of academic English language policy**. Routledge, 2013.

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo. **Plano de Desenvolvimento Institucional do IFES (PDI) - período 2014/2-2019/1**. Retrieved from: <http://www.ifes.edu.br/images/stories/files/documentos_institucionais/pdi_2-08-16.pdf>. Access in: may 2018.

KAWACHI, C.; AMORIM, G. B.; FINARDI, K. R. The interface between the TOEFL ITP and internationalization and language assessment in Brazil. **Studies in English Language Teaching**, v. 5, p. 213-230, 2017.

KNIGHT, J. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of studies in international education**, v. 8, n. 1, 5-31, 2014.

KNIGHT, J. An internationalization model: responding to new realities and challenges. **Higher Education in Latin America: the international dimension**. Washington: The World Bank, 2005, p. 1-38.

LIMA, M. C.; MARANHÃO, C. M. S. A. O sistema de educação superior mundial: entre a internacionalização ativa e passiva. **Avaliação**, Campinas, v. 14, n. 3, p. 583-610, 2009.

MENEZES DE SOUZA, L. M. Políticas de internacionalização na educação superior: questões e caminhos. **ICCAL – International Congresso f Critical Applied Linguistics: Language, Action and Transformation**. Brasília, 2015.

RAJAGOPALAN, K. Políticas públicas, línguas estrangeiras e globalização: a universidade brasileira em foco. In: ROCHA, C. H.; BRAGA, D. B.; CALDAS, R. R. (Eds.). **Políticas linguísticas, ensino de línguas e formação docente: desafios em tempos de globalização e internacionalização**. Campinas: Pontes, 2015. p. 15-27.

SANTOS, B. S. **A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade**. São Paulo: Cortez, 2011.

TAQUINI, R.; FINARDI, K. R.; AMORIM, G. B. English as a medium of instruction at Turkish State Universities. **Education and Linguistics Research**, v. 3, 3p. 5-53, 2017.

VARGHESE, N. V. Globalization and higher education: Changing trends in cross border education. **Analytical Reports in International Education**, v. 5, n. 1, p. 7-20, 2013.

VAVRUS, F.; PEKOL, A. Critical Internationalization: moving from theory to practice. **FIRE: Forum for International Research in Education**, v. 2, issue 2, article 2, 2015.

WARSCHAUER, M. Digital divide. **Scientific American**, v. 289, n. 2, p. 42-47, 2003.

Como referenciar este artigo

VIEIRA, Gicele Vergine.; FINARDI, Kyria Rebeca; PICCIN, Gabriela Freire Oliveira. Going international: the challenges for Brazilian Federal Institutes of Education, Science and Technology. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. esp1, p. 394-410, maio 2018. E-ISSN: 1982-5587. DOI: 10.21723/riace.nesp1.v13.2018.11428.

Submetido em: 30/10/2017

Aprovação final em: 30/01/2018